



ESTATÍSTICA E GOVERNAMENTO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE MATEMÁTICA DO PNLD 2018: UM OLHAR SOBRE A COLONIALIDADE

Renata Rodrigues Souza
Universidade Federal de Mato Grosso Do Sul - Campo Grande/MS
renata_rodrigues_souza@hotmail.com

Temática: Formação de Professores e Currículo.

Resumo: Neste artigo, proponho a analisar o projeto de pesquisa que foi utilizado para o ingresso no mestrado em Educação Matemática da UFMS- Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Campo Grande-MS. A ideia do artigo veio por meio da disciplina de Tópicos Especiais em Educação Matemática: “Educação Matemática e Pensamento Liminar” que apresentou várias temáticas discutidas nas aulas. Na primeira parte realiza uma apresentação do que se consiste a pesquisa, onde a mesma aborda a temática de governo através do conteúdo de estatística analisado nos livros didáticos de matemática do 3º ano do Ensino Médio aprovados pelo PNLD de 2018, analisando os discursos que os livros vão trazer através do conteúdo de estatística como meio de governo dos estudantes. Utilizaram-se como aporte teórico as ideias de Michel Foucault, bem como de Stuart Hall. Diante das discussões realizadas na disciplina e apresentação do projeto, na análise busquei relacionar o projeto com as discussões e um dos assuntos discutidos foi ao colonialismo, que me chamou muita atenção, com isso busquei indícios na escrita do projeto que tratavam de colonialismo. Assim, constatei ao final que de forma direta ou indiretamente o projeto continha aspectos de colonialismo bem como apresento na análise.

Palavras-chave: Educação Matemática; Governo; Estatística; Colonialidade.

Introdução

[...] a escola foi e continua sendo a principal instituição encarregada de construir um tipo de mundo que chamamos de mundo moderno. [...] um mundo que foi projetado para se afastar daquele estado que muitos chamam de natural, ou bárbaro, ou selvagem, ou primitivo (VEIGA-NETO, 2003, p.104).

Ao longo do tempo a escola tem se posicionado como lugar adequado a (re)construir os conhecimentos necessários às futuras gerações, ou ainda, “ordenar e sistematizar as relações homem-meio para criar as condições ótimas de desenvolvimento das novas gerações (SAVIANI, 1980, p. 51)”.

Todavia, Veiga-Neto (2003) questiona essa pretensa “nobreza” do sistema educacional, colocando em pauta seu papel enquanto agente de produção do sujeito moderno, à medida que existem intenções bem definidas oficialmente que apontam nessa direção:

A finalidade [da estatística] é fazer com que o aluno venha a construir procedimentos para coletar, organizar, comunicar dados, utilizando tabelas, gráficos e representações que aparecem freqüentemente em seu dia-a-dia. Além disso, calcular algumas medidas estatísticas como média, mediana e moda com o objetivo de fornecer novos elementos para interpretar dados estatísticos (BRASIL, 1998, p. 52).

[...] a demanda social é que leva a destacar este tema como um bloco de conteúdo, embora pudesse ser incorporado aos anteriores. A finalidade do destaque [como bloco] é evidenciar sua importância, em função de seu uso atual na sociedade (BRASIL, 1998, p. 48).

[...] compreender e emitir juízos sobre informações estatísticas de natureza social, econômica, política ou científica apresentadas em textos, notícias, propagandas, censos, pesquisas e outros meios (BRASIL, 2006, p. 124).

Em um mundo onde as necessidades sociais, culturais e profissionais ganham novos contornos, todas as áreas requerem alguma competência em Matemática e a possibilidade de compreender conceitos e procedimentos matemáticos é necessária, tanto para tirar conclusões e fazer argumentações, quanto para o cidadão agir como consumidor prudente ou tomar decisões em sua vida pessoal e profissional (BRASIL, 1999, 40).

Entendemos que os recortes acima são suficientes para uma noção razoável da importância e necessidade do saber estatístico na sociedade contemporânea. Saber organizar e compreender os dados, normalmente dispostos de modo incontestável nos currículos ou na mídia, fazer juízo de valor a partir dos dados dispostos, índices, taxas, etc. e tornar-se um consumidor “consciente”, são apenas alguns dos pontos que levantamos a fim de exemplificar o poder de governar condutas a partir da Estatística.

Ao apontarmos esses questionamentos, não estamos nos posicionando de modo algum contra a Estatística presente nos livros didáticos. Também não defendemos uma sociedade “desgovernada”. Buscamos apenas sair de uma pacificidade, de uma aceitação do currículo proposto sem reflexão, simplesmente acreditando que aquilo é o melhor que a humanidade produziu e que deve ser perpetuado para as gerações futuras, buscamos pensar em outros modos de condução do currículo.

Contudo, sabemos que não há um “fora” do poder. Não há um lugar privilegiado onde podemos escapar dessa racionalidade, logo é preciso problematizá-la, compreender por meio de quais dispositivos ela foi estabelecida e quais as possibilidades de (re)significações.

Questionamos nesse sentido um saber científico apresentado de modo prescritivo, apresentado por “*experts*”, que organizam e propõem nos livros didáticos um conhecimento, como se fossem os porta vozes dos ideais educacionais, utilizando-se de uma “[...] língua que parece que é a realidade que fala ... embora já sabemos que se trata da língua que fala os fabricantes, os donos e os vendedores da realidade” (LARROSA, 2006, p. 246).

A partir dessas compreensões nos propomos uma investigação que tem como base a seguinte questão: De que modo a Estatística proposta nos livros didáticos do Ensino Médio contribui para o crescimento dos estudantes?

Para balizar nossa investigação, propomos ainda os seguintes objetivos:

- 1- Investigar as principais temáticas elencadas nos conteúdos de Estatística nos livros didáticos de matemática do ensino médio PNLD 2018.
- 2- Descrever e analisar os discursos que atravessam o conteúdo de Estatística presente nos livros didáticos de matemática do 3º ano do ensino médio, aprovados no PNLD 2018.

Ao apresentarmos esta proposta de pesquisa, entendo ser significativo destacar que o olhar que ora lançamos sobre os livros didáticos de matemática, o fazemos apoiado na lente foucaultiana, não na lente de Foucault, uma lente nossa, mas que carrega as nuances de suas teorizações, bem como, de reflexões do Grupo de Pesquisas Currículo e Educação Matemática-GPCEM³⁰.

Quanto à escolha do tema, trata-se de uma consequência de momentos. Ocorre que as discussões mobilizadas no grupo GPCEM, bem como um olhar sobre os livros didáticos a partir de uma perspectiva que antes não conhecia, coincidem com a conclusão do curso de graduação em matemática, o início na docência e ainda a escolha do livro didático na escola onde trabalho.

Referencial Teórico

Partindo do pressuposto que a cada ano escolar, conhecimentos são propostos a toda a Educação Básica, onde conteúdos são prescritos e que, de algum modo, visando algum interesse os organizadores do currículo optaram por esses conteúdos, ao mesmo tempo em que desprezaram, ou colocaram em segundo plano tantos outros, consideramos a necessidade de se tensionar este processo que determina o que deve ou não ser ensinado às futuras gerações, sendo a escola, o lugar privilegiado para se acatar e perpetuar tais demandas, visto que: “[...] o tipo de conhecimento é considerado importante justamente a partir das descrições sobre o tipo de pessoa que elas consideram ideal” (SILVA, T., 2004, p. 15).

³⁰Grupo de Pesquisa criado em 2012, e que tem como objetivo principal, por intermédio de pesquisas que utilizam teorizações contemporâneas, desconstruir visões enraizadas no sujeito, desestruturando o que é tido como natural. Visa contribuir para a Educação Matemática colaborando para que se vislumbre como há uma forma peculiar de formação do sujeito moderno, por intermédio da Matemática, e como essa forma nos impossibilita experimentar outros modos de viver que muitas vezes fogem de padrões de normalidade estabelecidos. *site*: www.gpcem.com.br.

Entendemos que tal posicionamento reforça a não neutralidade do currículo, bem como seu poder de interferência no tipo de conhecimento e sujeito que se deseja formar em cada período histórico, produzidos discursivamente, inclusive e talvez de modo muito específico, nas aulas de matemática. Para Foucault (1986, p. 56) “[...] os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever”.

Deste modo, consideramos o sujeito, profissionais liberais, alunos, professores ou pesquisadores, dentre outros, um produto dos discursos que emergem numa trama de poder a qual estamos inseridos, como explicita Hall:

Esse sujeito, produto *do* discurso, não pode estar fora dele, porque a ele deve estar *sujeitado*. Deve se submeter às suas regras e convenções, às suas disposições de poder/conhecimento. O sujeito pode se tornar portador do tipo de conhecimento que o discurso produz, pode se tornar o objeto pelo qual o poder é exercido, mas não pode permanecer fora do poder/conhecimento como sua fonte e autor. (HALL, 2016, p. 99).

De acordo com Hall (2016, p. 100) o “sujeito” para Foucault aparece de duas formas diferentes através do discurso: “[...] Primeiro, o próprio discurso produz “sujeitos”- figuras que personificam formas particulares de conhecimento que o discurso produz”. E a segunda: “[...] O discurso também produz um *lugar para o sujeito* (ou seja, o leitor ou espectador, que também está “sujeito ao” discurso), onde seus significados e entendimento específicos fazem sentido”. É através do discurso que o “sujeito” assimila e compreende os conhecimentos produzindo assim seu local e a convivência com mais “sujeitos” que utilizam do mesmo discurso, sendo assim, um discurso pode gerar vários “sujeitos” dependendo da interpretação de cada um e assim vários discursos e vários “sujeitos”.

Uma vez que de forma as vezes muito sutil e planejada um discurso é inserido no currículo, e por sua vez passa a ser repercutido por professores que o adotam como se fossem seus, entendemos a viabilidade de uma pesquisa que possa investigar em um momento atual da nossa sociedade, diante da avaliação positiva para os livros do PNLN – 2018 quais discursos atravessam os conteúdos de estatística no ensino médio, e de que modo estes podem contribuir para o governo de alunos e professores, e por sua vez, de uma sociedade, à medida que:

A estatística pode ser entendida como um meio, composto por saberes e por procedimentos técnicos específicos que é utilizada por governos das diferentes esferas públicas, para situar comunidades com altos índices de analfabetismo, por exemplo, como sendo de risco social. Analisar como se conduz a conduta desse conjunto de indivíduos para sair da condição de analfabetismo é tomar prática da

gestão do risco como uma forma de governar que necessita do saber estatístico para tomar decisões. (TRAVERSINI; BELLO, 2009, p. 143).

À medida que dados estatísticos são apresentados com tanta frequência e veracidade, basta apenas que os indivíduos aprendam a ler o que se deseja que seja lido para, a partir daí, dá-se início à gestão de risco onde os indivíduos assumem o governo de si, e passem a lutar com todas as forças para gerir o próprio sucesso, garantir “escola de qualidade” para si e para os filhos, um bom plano de saúde, sua casa própria entre tantos outros “bens” que só dependerá deles mesmo para conseguir. Será? Isso tudo sem deixar de pagar os impostos e, deste modo, contribuir para o “bem da sociedade” exercendo seu papel de “cidadão”. Desse modo

[...] números, medidas, índices e taxas adquirem importância nas ações governamentais, seja no âmbito político, econômico, social, educacional, é para que os mesmos sejam utilizados na invenção de normas, de estratégias e de ações no intuito de dirigir, de administrar e de otimizar condutas individuais e coletivas em todos esses aspectos. (TRAVERSINI; BELLO, 2009, p. 149).

Nesta perspectiva, o ensino de estatística possibilita dar cabo ao propósito do governo de si e dos outros, à medida que:

[...] governar é controlar, administrar, influenciar, monitorar, fiscalizar, dirigir, regular; vigia-se, ordena-se, disciplina-se, enfim, norteiam-se as condutas dos homens; assim sendo, todos governam (seja o pai, o patrão, o mestre, o amante, seja o estado). (TRAVERSINI; BELLO, 2009, p.141).

Esta compreensão evidencia o papel da escola na constituição do sujeito moderno que, via estratégias de governo utiliza-se de uma “[...] língua que parece que é a realidade que fala... embora já sabemos que se trata da língua que fala os fabricantes, os donos e os vendedores da realidade” (LARROSA, 2006, p. 246).

Desta forma, entendemos que, mesmo e exatamente diante da importância da estatística como conhecimento matemático, cabe um olhar atento sobre as possibilidades de seu uso como formas de normatização e condução de condutas, a medida que um olhar aligeirado pode não perceber quaisquer contradições ou desvios de função naquilo que se pretende ensinar. Segundo Foucault (1993, p. 203) [...] governar pessoas não é uma maneira de forçar as pessoas a fazer o que o governo quer; é sempre um equilíbrio versátil, com complementaridades e conflitos entre técnicas que asseguram coerção e processos pelos quais o sujeito é construído ou modificado por ele mesmo.

Referencial metodológico

Para desenvolvimento desta pesquisa, tomamos como material empírico os livros didáticos de matemática aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2018, Ensino Médio, por entender que estes, além de apresentarem dados atuais e validados por

especialistas da área, fecham um ciclo de “aprendizagem” dos conhecimentos estatísticos iniciados nas series iniciais do Ensino Fundamental.

Compreendendo que uma multiplicidade de discursos atravessam a construção do livro didático, onde muitas vozes ecoam outras vozes interagem, constituindo o livro e o espaço escolar como um território de luta, resistência e negociação em um determinado tempo e lugar, assumimos a partir de Foucault considerar os discursos produzidos nessa rede que atua e constitui o livro didático de matemática em sua positividade:

[...] é preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância. (FOUCAULT, 1986, p. 28).

Pistas que apontam nessa mesma direção são apresentadas por Veiga-Neto ao destacar que:

[...] uma análise do discurso numa perspectiva foucaultiana não deve partir de uma suposta estrutura ou de um sujeito-autor, que seriam anteriores aos próprios discursos e que se colocariam acima desses. Não se trata, também, de analisar os discursos como indicadores de sentidos profundos ou de determinadas individualidades intelectuais ou psicológicas, materializadas nesse ou naquele autor, inscritos, por sua vez, nessa ou naquela instituição. Trata-se de analisá-los tendo sempre em vista que é por “uma certa economia dos discursos de verdade [que] há possibilidade de exercício de poder”. Nesse sentido, aquele que anuncia um discurso é que traz, em si, uma instituição e manifesta, por si, uma ordem que lhe é anterior e na qual ele está imerso. (VEIGA-NETO, 2003, p. 119-120).

Desta forma, não nos lançamos sobre o livro didático de matemática no intuito de revelar “a verdade” sobre o conhecimento estatístico como portador de algo obscuro, pré-existente e esperando ser descoberto. Também não tenho a pretensão de apontar a lente correta, através da qual cada indivíduo poderá enxergar por si mesmo esta “verdade”. O que busco nesse processo é descrever a contingência desse momento histórico, bem como as possibilidades de governamento produzidas discursivamente e que (re)configuram ações, sujeitos, instituições e modos de produção à medida que, de acordo com Foucault (1986, p. 24) “[...] é preciso também que nos inquietemos diante de certos recortes ou agrupamentos que já nos são familiares”.

Em consonância com Foucault, tomando a análise do discurso como pressuposto teórico-metodológico. Consideramos relevante destacar que Foucault defende um método, que aponte todos os caminhos mesmo antes de iniciar a pesquisa:

Não tenho um método que se aplicaria, do mesmo modo, a domínios diferentes. Ao contrário, diria que é um mesmo campo de objetos que procuro isolar, utilizando instrumentos encontrados ou forjados por mim, no exato momento em que faço

minha pesquisa, mas sem privilegiar de modo algum o problema do método (FOUCAULT, 2003, p. 229).

Todavia, ao afirmar que não pensamos ser possível tomar a priori uma metodologia detalhada, que dê conta de orientar cada passo desta pesquisa, não implica estar isento, ou imune a influências, inspirações ou orientações que nos possibilite iniciar esse processo, pois “[...] não foi cada um de nós que inventou o mundo em que vivemos; quando aqui chegamos, o mundo já estava aí” (VEIGA-NETO, 2006, p.5). Ainda segundo o mesmo autor: “[...] em qualquer atividade, sempre é preciso seguir alguns preceitos, normas ou regras previamente estabelecidas por uma cultura que nos precedeu e na qual estamos mergulhados” (VEIGA-NETO, 2009, p.87).

Desta forma, considerando os parâmetros que destacamos, bem como nossa questão e objetivos de pesquisa pretendemos, de posse das coleções de livros didáticos do PNLD-2018, realizar uma leitura dos conteúdos voltados a estatística nos livros do 3º ano do ensino médio, identificando na parte do aluno, bem como no manual do professor, orientações que, a nosso ver, caracterizam-se como formas de governo.

Na sequência, buscaremos realizar entrevistas com professores que lecionam neste nível a fim de compreender quais parâmetros influenciam a organização de sua aula, quais os materiais didáticos/curriculares utilizam, de que modo o livro auxilia, influencia ou “conduz” a organização da aula, entre outras questões que sem dúvida surgirão a partir de nosso aprofundamento no referencial teórico-metodológico.

Os possíveis sujeitos da pesquisa serão professores de escolas com diferentes realidades, buscando nesse delineamento, professores com maior tempo de profissão e professores em início de carreira, bem como aqueles que atuam em escolas rurais ou urbanas, de centro ou periferia, a fim de estabelecer um paralelo entre as diferentes realidade e possibilidades de leitura e interpretação dos discursos a partir do ambiente e experiência profissional “individual”.

ANÁLISE

A disciplina de Tópicos Especiais em Educação Matemática: “Educação Matemática e Pensamento Liminar” apresentou várias temáticas que foram discutidas em sala durante as aulas: Colonialismo, Decolonialismo, Desobediência Epistêmica, dentre outras.

Proponho-me agora a relacionar um dos conteúdos que mais me chamou a atenção com o meu projeto de pesquisa do mestrado. Para fazer esta relação a princípio realizei uma apresentação da proposta da pesquisa, os seus aspectos mais importantes, como surgiu a

intenção da pesquisa, bem como também seu aporte teórico, metodologia. Sendo assim, me chamou atenção nas discussões em sala quando falamos de Colonialismo, de como ele está tão presente em nós, que por muitas das vezes acaba se passando por despercebido.

Após as discussões e a partir da proposta do artigo analisei o projeto com um olhar diferente, pois identifiquei aspectos de indícios de colonialismo na escrita do mesmo. De acordo com Mignolo, 2017, o conceito de colonialidade surgiu no final dos anos 1980/90 por Anibal Quijano, foi ele quem deu um sentido novo para o colonialismo juntamente com o conceito de descolonização. [...] “A “colonialidade” já é um conceito “descolonial”, e projetos descoloniais podem ser traçados do século XVI ao século XVIII. (MIGNOLO, 2017)”.

Com base nos textos estudados, alguns recortes em específico me chamaram a atenção, dentre eles:

“Colonialidade” equivale a uma “matriz ou padrão colonial de poder”, o qual ou a qual é um complexo de relações que se esconde detrás da retórica da modernidade (o relato da salvação, progresso e felicidade) que justifica a violência da colonialidade. E descolonialidade é a resposta necessária tanto às falácias e ficções das promessas de progresso e desenvolvimento que a modernidade contempla, como à violência da colonialidade. (MIGNOLO, 2017, p.13).

[...] Quijano entiende que el poder está estructurado en relaciones de dominación, explotación, y conflicto entre actores sociales que se disputan el control de «los cuatro ámbitos básicos de la existencia humana: sexo, trabajo, autoridad colectiva y subjetividad/intersubjetividad, sus recursos y productos» (2001-2002:1). El poder capitalista, Eurocentrado y global está organizado, distintivamente, alrededor de dos ejes: la colonialidad del poder y la modernidad (2000b:342). (LUGONES, 2008, p.78).

Diante deste trecho de Mignolo e Lugones, relaciono com o governo, em uma citação anterior do projeto através de Traversini e Bello, exercer o governo é uma forma de poder, controlar e influenciar as condutas do homem. Discipliná-lo, e ao fazer estas ações de influência está se exercendo uma colonialidade sobre alguém, ou seja, ao governar sobre alguém está se impondo uma forma de pensar para determinado público tentando-os fazer pensar da mesma forma.

Em uma das primeiras citações que utilizadas de Veiga-Neto 2003, fala da escola como a principal instituição que tem a finalidade construir um mundo moderno, ou seja, se a escola tem esse papel ela vai construir seus “alunos modernos”, com suas normas, regras, maneiras de se trabalhar. Com isso podemos constatar que a escola também é um instrumento de colonialidade, pois cada escola possui suas normas, regras e regimentos a ser seguido por todos os membros que compõem o ambiente escolar. “A colonialidade, em outras palavras, e

constitutiva da modernidade – não há modernidade sem colonialidade. (MIGNOLO, 2017, p. 02)”.

Ao trabalhar com estatística e analisar alguns recortes de documentos constatamos que a estatística para governar condutas e ao governar as condutas de uma forma implícita, está se tentando colonizar a conduta das pessoas. Bom como este conteúdo se trata de um currículo a ser seguido, logo são conteúdos obrigatórios a serem seguidos pelo professor, se é para ser seguido, logo é imposto e por consequência o colonialismo como mencionado anteriormente impõe algo sobre outras pessoas.

Analizamos os sujeitos existentes na qual consideramos todos os sujeitos que fazem parte da escola, desde as pessoas responsáveis pela limpeza, gestão da escola, bem como alunos, professores, comunidade em geral, todos eles são produtos dos discursos que estão inseridos, onde de acordo com Foucault 1986, explicita que esses discursos são feitos de signos, e esses signos que nos usamos para designar as coisas, onde esses discursos emergem do poder que de acordo com Hall 2016, os sujeitos são produtos do discurso e que não se pode sair dele, pois está sujeitado a ele. Com isso podemos pensar que, quem iráfazer o discurso para os sujeitos possui consigo suas experiências e bem como suas crenças para determinados assuntos e situações, e ao falar disso para outro sujeito, estará falando com a própria visão e de forma indiretamente estará “colonizando” o sujeito de acordo com o que acredita.

É através do discurso que o “sujeito” assimila e compreende os conhecimentos produzindo assim seu local e a convivência com mais “sujeitos” que utilizam do mesmo discurso, sendo assim, um discurso pode gerar vários “sujeitos” dependendo da interpretação de cada um e assim vários discursos e vários “sujeitos”. Essa frase do projeto expressa muito na minha visão uma forte colonialidade, pois, somos produtos do meio em que vivemos e fomos criados, assim fomos construindo com o passar do tempo crenças e valores de acordo com o ambiente que crescemos, e ao discursar para outros sujeitos estaremos falando do nosso ponto de vista de acordo com a bagagem que carregamos.

Os livros didáticos aparecem como uma forma de colonialidade, pois na escolha dos mesmos, o PNLD disponibiliza aos professores várias coleções de livros para os mesmos escolherem o que melhor faz a abordagem dos conteúdos, bem como também os livros que contemplam todos os conteúdos do referencial que a escola segue. Com isso, os professores escolhem apenas um livro que será utilizado durante três anos naquela escola bem como

também, os livros são iguais para todos os alunos, assim o discurso ouvido pelos sujeitos alunos serão o mesmo de todos.

Diante da colonialidade advém a descolonialidade, que: “A descolonialidade não consiste em um novo universal que se apresenta como o verdadeiro, superando todos os previamente existentes; trata-se antes de outra opção”. (MIGNOLO, 2017, p. 15).

A opção descolonial não visa ser a única opção. É apenas uma opção que, além de se afirmar como tal, esclarece que todas as outras também são opções, e não simplesmente a verdade irrevogável da história que precisa ser imposta pela força. (MIGNOLO, 2017, p. 13).

Assim Mignolo argumenta que: [...] a opção descolonial não é só uma opção de conhecimento, uma opção acadêmica, um domínio de “estudo”, mas uma opção de vida, de pensar e de fazer. (MIGNOLO, 2017, p. 31). Com isso a colonialidade está diretamente ligada com a descolonialidade, se pensar em descolonializar, já está se pensando em outra forma de colonizar as pessoas.

Considerações

Primeiramente a intenção deste artigo foi em apresentar o projeto de pesquisa enviado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática como requisito avaliativo para o ingresso no curso de mestrado, e ao decorrer da disciplina diante das discussões realizadas na aula analisei o projeto com as concepções que discutimos em específico a descolonialidade.

Os objetivos da pesquisa é mostrar como está apresentado o conteúdo de estatística nos livros didáticos de matemática do 3º ano do ensino médio, bem como analisar o discurso apresentado para a formação dos sujeitos alunos presentes nas escolas, analisando como a estatística está sendo utilizada para governar os estudantes. Assim chegamos à conclusão que muitos dos aspectos apresentados no projeto apresentam fortes indícios de colonialidade, ao se tratar da temática de poder, governamento, estatística e livros didáticos.

Agradecimentos

Agradeço a CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo financiamento da minha pesquisa.

Referências

_____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. (2006). *Orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais: ciências da natureza, matemática e*

suas tecnologias -PCNEM+. PCN mais. Brasília, DF. Recuperado em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasNatureza.pdf>.

BRASIL. *Ministério da Educação e Cultura*. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. (1999). Parâmetros curriculares nacionais ensino médio. Brasília, DF.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática*. Brasília: MEC/SEF, 1998. Cadernos de Educação. Pelotas, 2009. p. 83 – 94.

FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos: curso no Collège de France, 1979-1980: excertos*. Tradução, transcrição e notas de Nildo Avelino. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Foucault revoluciona a pesquisa em educação?* Perspectiva. Florianópolis, v. 21, n. 2, 2003, p. 371-389.

FOUCAULT, Michel. In: MOTTA, M. B. (Org.). *Ditos e escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Verdade e subjectividade* (Howison Lectures). Revista de Comunicação e linguagem. n° 19. Lisboa: Edições Cosmos, 1993. p. 203-223.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. In: ITUASSU, Arthur (org e rev). Tradução: Daniel Miranda e Willian Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

LARROSA, J. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. 4ª ed., Belo Horizonte, Autêntica, 2006.

LUGONES, María. *Colonialidad y Género*¹. Binghamton University, USA. Recibido: enero 30 de 2008 Aceptado: junio 23 de 2008.

MIGNOLO, Walter D. *COLONIALIDADE: O lado mais escuro da modernidade**. Tradução de Marco Oliveira, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro – RJ, Brasil. REVISTA BRASILEIRA DE CIENCIAS SOCIAIS - VOL. 32 N° 94.

MIGNOLO, WALTER D. *DESAFIOS DECOLONIAIS HOJE** [Decolonial challenges today]. DUKE UNIVERSITY. EPISTEMOLOGIAS DO SUL, FOZ DO IGUAÇU/PR, 1 (1), PP. 12-32, 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

TRAVERSINI, Clarisse Salette; BELLO, Samuel Edmundo Lópes. *O Numerável, o Mensurável e o Auditável: estatística como tecnologia para governar*. Educação e realidade. 2009.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Na oficina de Foucault*. In: KOHAN, Walter; GONDRA, José (orgs.). Foucault 80 anos. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.79-91.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Teoria e método em Michel Foucault (im)possibilidades*.